

Leão Tolstói e a modernidade: “As forças que movem as nações” (Resumo Alargado)

Ana Prokopyszyn
Universidade de Lisboa/CompaRes/CLEPUL

1. INTRODUÇÃO

Apesar de, comparativamente à sua qualidade de romancista, não ser (re)conhecido como filósofo, o emblemático Leão Tolstói tem um papel crítico no seu tempo, que transparece além dos seus romances inquestionavelmente sociais e históricos, influentes até aos dias de hoje. Tolstói deixa-nos, no seu texto, ensaios teóricos sobre a sociedade e as nações, onde desenvolve uma profunda reflexão mitificadora, da qual sobressai um evidente desconforto em aceitar os métodos de investigação e interpretação histórica convencionais, e uma constante procura de explicação dos fenómenos históricos através de leis humanas, com plena consciência da dificuldade que daí advém, leia-se:

A nova história repudiou as crenças antigas sem as substituir por teorias novas, tendo a lógica desta situação obrigado os historiadores (...) a chegarem ao mesmo ponto por outras vias, admitindo assim:

- 1.º que os povos são governados por indivíduos particulares e,
- 2.º existe um certo objectivo para o qual se encaminham os povos¹ e toda a humanidade (Tolstói, 1997:573).

É com base neste postulado, brevemente comparado a outras concepções/ interpretações antecessoras, consentâneas e posteriores a Tolstói, que procuraremos averiguar até que ponto o seu discurso pode ser considerado um mito fundador (talvez não de origem, mas de destino dos povos – para onde se encaminham), e qual a sua projecção na modernidade, no que diz respeito à “Dificuldade de Definir as Forças que Movem as Nações” (cf. Gardiner, 1966:205), lançando desde já – uma questão a desenvolver no decorrer deste trabalho: A origem está na força ou é a força que está na origem? Tolstói escreve: “Uma locomotiva movimenta-se. Pergunta-se: por que anda? Um camponês

¹ Advertimos para o facto de, noutras edições, ao invés da palavra “povos”, encontramos “nações”.

diz: é o Diabo que a faz avançar. Outro diz: a locomotiva movimenta-se porque as rodas giram. Um terceiro: a causa do movimento está no fumo que o vento arrasta”. (Tolstói, 1997:579)

2. O DISCURSO MITIFICADOR DE TOLSTÓI

Na ordem da linha seguida nesta breve reflexão, defendemos que, pelo menos, neste texto mais filosóficos de Tolstói, há um discurso mitificador ou mitificante da História. Sublinhe-se que na produção narrativa ficcional, i.e. no âmago do romance Tolstoiano, também o encontramos, embora não nos ocupemos desse tipo de texto aqui².

Para tratar o discurso de Tolstói como mitificador, há que, no entanto, dar a entender qual a interpretação que fazemos da palavra mito, já que a mesma adquiriu várias acepções ao longo da História da humanidade, e a sua entrada num dicionário comum é extensa. Referindo algumas interpretações do que é o mito – as mais correntes, pelo menos, e que nos interessam na nossa análise - «o relato fantástico de tradição oral, ger[almente] protagonizado por seres que encarnam, sob forma simbólica, as forças da natureza e os aspectos gerais da condição humana; lenda, fábula, mitologia [...]; narrativa acerca dos tempos heróicos, que guarda um fundo de verdade [...]; relato simbólico, passado de geração em geração dentro de um grupo, que narra e explica a origem de determinado fenómeno, ser vivo, acidente geográfico, instituição, costume social etc. ex.: o m[ito] da criação do mundo [...]; representação de factos e/ou personagens históricos, freq[uentemente] deformados, amplificados através do imaginário colectivo e de longas tradições literárias orais ou escritas [...]; exposição alegórica de uma ideia qualquer, de uma doutrina ou teoria filosófica; fábula, alegoria. ex.: <o m. da utopia, de More> <o m. da caverna, de Platão [...]; construção mental de algo idealizado, sem comprovação prática; ideia, estereótipo, ex.: <o m. do bom selvagem>, [...] representação idealizada do estado da humanidade, no passado ou no futuro, [e por último] valor social ou moral questionável, porém decisivo para o comportamento dos grupos humanos em determinada época.» [cf. Houaiss:2010]. Ocupar-nos-emos de algumas delas ao longo da nossa análise, dando especial ênfase ao mito como doutrina ou teoria filosófica, no que diz respeito ao discurso de Leão Tolstói.

² Do ponto de vista científico, somos obrigados a considerar esse tipo de textos menos teórico, enquadrando-os numa tipologia diferente: na mitistória (termo datado do séc. XIX), ou seja, uma narrativa que mescla a história e o mito, narrativa fabulosa, etc. (Houaiss:2001).

Como vemos, praticamente todas as acepções do mito se ligam à antropologia, i.e., à ciência do homem no sentido mais lato, que engloba origens, evolução, desenvolvimentos físico, material e cultural. Citemos Tolstói:

“Tudo o que sabemos acerca da vida do homem limita-se a uma certa relação entre a liberdade e a necessidade, ou seja, entre a consciência e as leis da razão. Tudo o que sabemos acerca do mundo exterior da natureza limita-se a uma certa relação entre as forças da natureza e a necessidade, ou entre a essência da vida e as leis da razão.”
(Tolstói, 1997:605)

Questionamos, então: haverá perguntas, pela sua natureza, sem resposta? E que fazer das perguntas para a qual há várias respostas possíveis? Talvez a explicação esteja na ordem de se preciso haver sempre uma pergunta, para que se continue a encontrar respostas – afinal, em parte é isso que faz do homem um ser racional. Por vezes o importante não é encontrar a resposta, mas formular a pergunta certa.

3. OBJECTIVOS

Depois de desenvolvidas as linhas de leitura e explicadas as razões que nos levaram à análise deste discurso em específico como um discurso mitificador, passaremos, então, para a análise de problemáticas basilares que se nos deparam no “Epílogo – 2ª Parte”, de *Guerra e Paz*.

A primeira surge na primeira linha desse epílogo:

O objectivo da História é estudar a vida dos povos e da humanidade em geral. Contudo, compreender e abarcar por palavras, descrever, não a vida da humanidade, mas de um único povo, afigura-se tarefa impossível. Os historiadores antigos usavam sempre o mesmo processo para descrever e abarcar a vida de um povo, um processo aparentemente incompreensível. Descreiam os actos dos indivíduos que governam o povo, actos esses que, aos seus olhos, exprimiam os actos do povo inteiro. (Tolstói, 1997:572)

Logo de início nos apercebemos, apesar de isso não ser dito directamente, que o povo tem força, no sentido em que é relevante para o processo histórico – aos olhos de

Tolstói – “outros” pensam diferentemente. Na nossa análise veremos algumas concepções históricas de “outros”, contraditórias ou coincidentes ao pensador russo.

A questão central é “Onde radica a actualidade e actuância do pensamento e interpretação do processo histórico em Tolstói?” – É o que tentaremos clarificar sobre a as respostas (ou perguntas) acerca de “as forças que movem as nações”.

Para as várias leituras de Tolstói destacamos Berlin, 1967, Khraptchenko, 1982, Milhazes, 2010 e Barros, 2010, os quais serão evocados sempre que pertinente.

Referências

Barros, Gustavo Morais, (2010): ”Interpretação do Processo Histórico em Leon Tolstói”, Revista de Teoria da História Ano 1, Número 3, junho/ 2010, pp. 123-144. Universidade Federal de Góias. ISSN: 2175-5892. Url: http://www.historia.ufg.br/revistadeteoria/uploads/files/113/REVISTA_III.pdf, último acesso a: 31/03/11

Berlin, Isaiah, (1967): The Hedgehog and the fox. Na essay on Tolstou’s View of History. U.K. : Weidenfeld Goldbacks.

Gardiner, P., (1966): *Teorias da História*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Houaiss, A./ Mauro Villar, (2001): *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva

Khraptchenko, M., D. Likhatchev *et alii*, 1982: Leão Tolstói e a Actualidade. Moscovo: Redação «Ciências Sociais Contemporâneas», Academia das Ciências da URSS.

Milhazes, J. (2010) “Lev Tolstói: um profeta de utopias”. Comunicação na sessão realizada no Centro Cultural de Belém a propósito do centenário da morte de Lev (Leão) Tolstói. Url: <http://darussia.blogspot.com/2010/11/lev-Tolstói-um-profeta-de-utopias.html> último acesso a: 20/03/11

Tolstói, L.(1997) [1869]: Guerra e Paz. Alfragide: Ediclube Coleccionáveis, Vol.II. pp. 570-609.